

Economia Brasil VALOR ECONÔMICO
Governo Em jantar com jornalistas, Lula contou que vai se encontrar com líderes empresariais brevemente

Presidente descarta mudanças na política econômica

13 FEV 2004

Claudia Safatle
De Brasília

Não há mudança na política econômica, assegurou o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. "O que é mudar a política econômica? É mudar, reduzir, o superávit primário de 4,25% do PIB? Mas ele só é suficiente para pagar um terço do que devemos por ano! O superávit é o necessário para garantir a credibilidade. É ele que dá garantias ao meu credor de que tenho pelo menos um terço do que devo para pagar".

Tranqüilo, descontraído, Lula fez uma defesa intransigente, enfática, da política econômica conduzida por Antônio Palocci, ministro da Fazenda, e Henrique Meirelles, presidente do Banco Central. O presidente falou durante jantar que teve, na noite de quarta-feira, com vinte jornalistas de economia e política, em Brasília. E, alheio a especulações e boatos em torno de mudança de curso, políticas econômicas alternativas, Lula deixou muito claro que se alguém anda falando disso, no seu governo, "não entende nada de economia".

O presidente informou que em quinze dias terá encontro com os presidentes das Confederações e Federações da Indústria e do Comércio, que foi uma reunião motivada pelo comentário que fez, durante viagem à Índia, sobre os empresários brasileiros. Que estes deveriam vender mais e chorar menos. Lula disse que falará aos representantes da indústria e do comércio, que a todo mês estão prontos e afiados para co-

mentar a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom), sobre a taxa básica de juros, que tomem iniciativas para superar as restrições dos juros altos e do crédito escasso. Que não fiquem apenas à espera da reunião mensal do Copom, mas que criem cooperativas de crédito que ofereçam empréstimos a juros mais baixos, que inovem, que apresentem idéias, listou.

"Outro dia estive com um líder empresarial e disse a ele que tudo bem que fosse um crítico dos juros altos, mas que pelo menos reconhecesse que a taxa de juros real, hoje, de 8,9% ao ano, é a mais baixa dos últimos dez anos", comentou Lula.

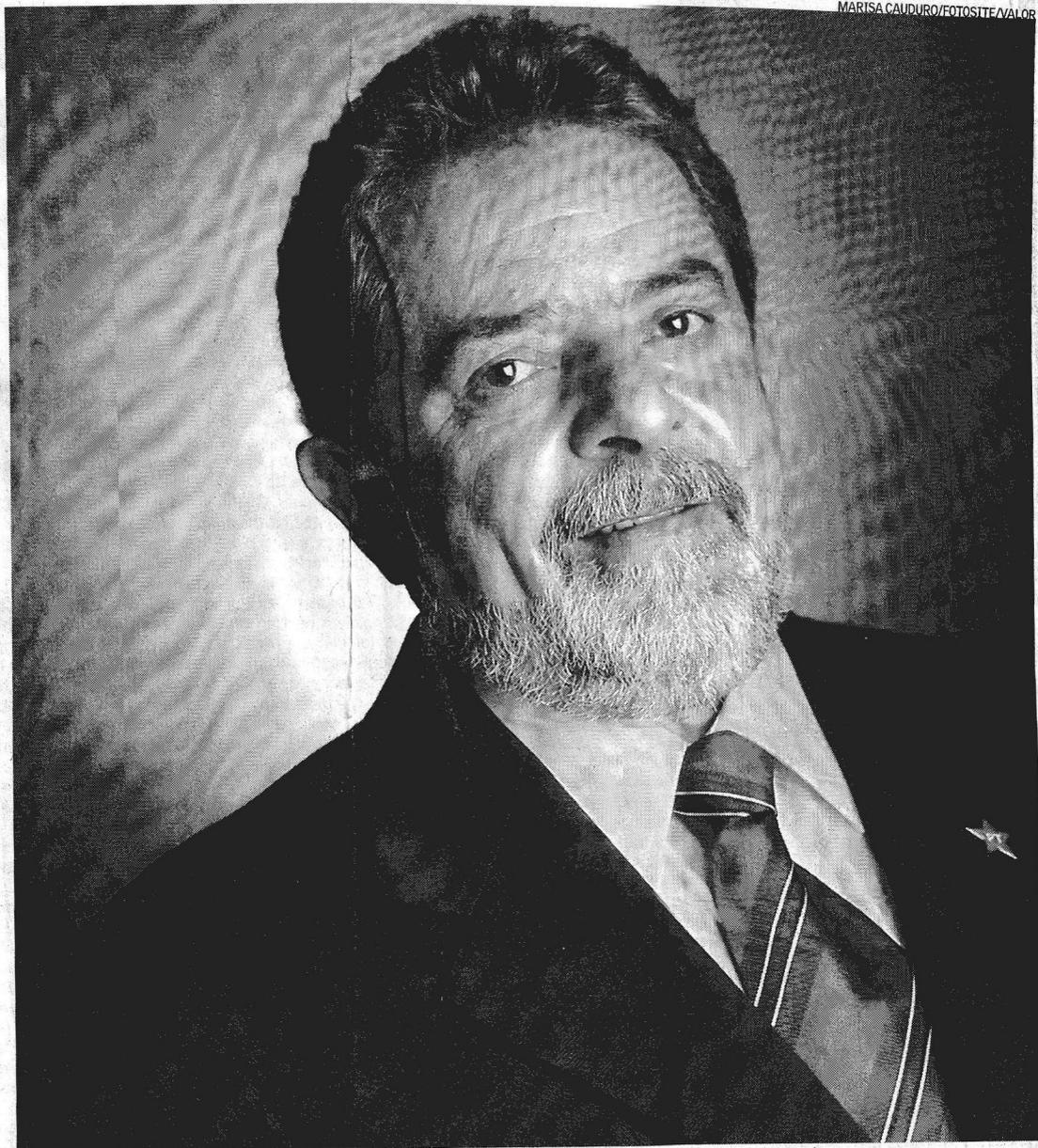
Para os que, no próprio governo, reclamam e às vezes até insinuam que alguns assessores mais ortodoxos da equipe econômica deveriam ser demitidos, Lula diz: "A equipe econômica tem que ser assim mesmo. Tem que ser dura". Citou o exemplo de um amigo sindicalista, Sadao Higuchi, que morreu afogado em 1998 e foi tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC quando Lula era seu presidente. Sadao era conhecido por ser 'mão-fechada', e "não dava dinheiro para ninguém". O secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy, vítima das insatisfações dos demais ministros por ser o gestor do cofre, "é um santo perto do Sadao", comentou Lula.

A rigor, conforme sua forma de administrar o governo, o presidente não se envolve muito com o segundo escalão. "Quando monto uma equipe, escolho o primeiro escalão e transfiro a confiança. O segundo escalão é da responsabilidade do pri-

meiro. Se você achar que alguém não está cumprindo bem a tarefa, ou o ministro troca o assessor ou você troca o ministro", disse.

Não há plano B, não haverá mudança, e Lula assinalou também o rigor com que deve ser tratada a política fiscal. Defendeu a retenção dos R\$ 6 bilhões do orçamento, que só serão liberados se houver receitas para isso. Ele contou a conversa que teve com o relator do orçamento, deputado Jorge Bittar (PT-RJ), sobre as alterações que foram feitas pelo Congresso na proposta do Executivo, com base na possibilidade de uma arrecadação mais robusta do que a prevista pelo governo. "Eu disse ao Jorge Bittar que a Receita não estava prevendo aquela arrecadação. Por que os técnicos do Congresso enxergaram coisas que os técnicos do governo e da Receita não estavam enxergando? O Jorge me disse que achava que a receita cresceria. Eu respondi a ele não dá para trabalhar com achismos".

Citando exemplos do cotidiano, o presidente comparou a situação do acréscimo no Orçamento pelo Congresso a um hipotético diálogo com sua mulher, dona Marisa, que estava ao seu lado no jantar. "Eu chego em casa e digo para a Marisa que vou ganhar R\$ 8 mil. Ela chama o Fábio (um dos filhos do presidente) e ele faz umas contas e diz que eu posso ganhar até R\$ 10 mil. A Marisa, então, sai por aí gastando, pensando que vai ter R\$ 10 mil. Mas eu ganho R\$ 8 mil e ela só vai poder gastar mais depois que eu ganhar os R\$ 10 mil", explicou, numa comparação sobre como deve ser administrado o orça-



Lula: defesa da retenção dos R\$ 6 bilhões do orçamento, que só serão liberados se houver receitas para isso

mento deste ano, o primeiro elaborado pelo seu governo.

Lula garantiu que este será um ano "muito bom" para o Brasil. O país crescerá, disse, sem arriscar um percentual. Salientou os ganhos que seu governo teve no ano passado, com a redução da dívida cambial — instrumento que deixa o país vulnerável. "Estamos comprando a dívida indexada à taxa de câmbio e colocando papéis públicos pré-fixados". Com isso, uma turbulência na Malásia não trará tanta pressão sobre o Brasil, disse.

O presidente reafirmou sua "total confiança" no ministro da Fazenda, Antônio Palocci. "Palocci é o responsável pela condução da economia", arrematou.